

**ANO II**

PASQUIM FEMINISTA

Publicação do COLETIVA FEMINISTA GSEX

ANO II - Nº06

DATA DE FECHAMENTO: 30/12/2023

**GEOVANA LARA CLEMENTE ROCHA**  
Idealizadora do projeto

**MARIA MEIRE DE CARVALHO**  
Coordenadora do projeto

**ANA GABRIELA COLANTONI**  
**GABRIELA MAGALHÃES SABINO**  
Revisoras do projeto

**ANA CAROLA CAVALCANTE**  
Design e diagramação gráfica

*acompanhe nossas redes*

 @coletivagsex

 Coletiva Feminista GSEX



**PASQUIM**

**FEMINISTA**

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

**NESTA  
EDIÇÃO**



Mulheres, mídias sociais e utopias  
Dito e Interdito . Corpos dilacerados  
Janela da noite . Lamentos da cigarra  
Distopias de crítica Feminista  
Crimes contra a dignidade sexual  
A proibição da legítima defesa da honra  
Parem de nos matar . Poesia

# MULHERES, MÍDIAS SOCIAIS E UTOPIAS

Por:  
**Celisa Gonzaga de Brito**

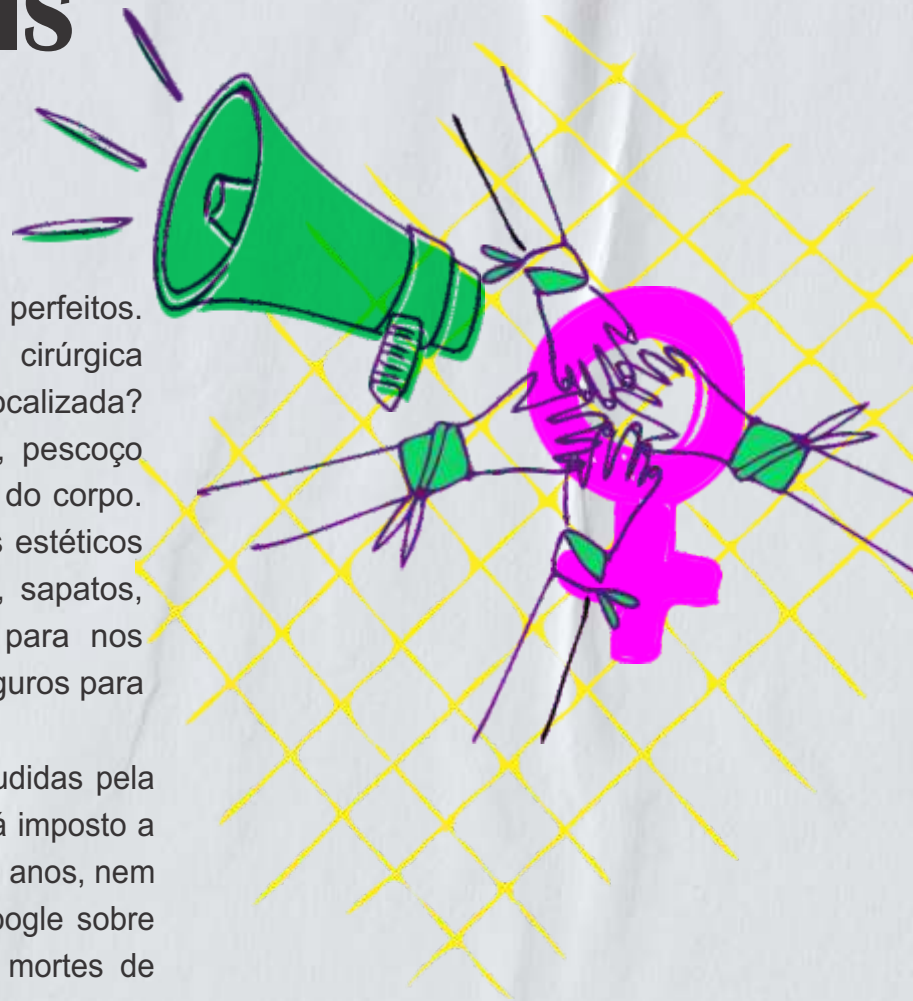
Vivemos a era das redes sociais, onde todos têm vida e corpos perfeitos. É comum as mulheres cada vez mais cedo procurarem intervenção cirúrgica para padronizar o corpo (magro). Não tem peito? Silicone. Gordura localizada? Abdominoplastia, Lipoaspiração na barriga, braço, bunda, costa, coxas, pescoço e até do joelho, o que não é permitido é ter gorduras em nenhuma parte do corpo.

Rugas? Botox, fios de sustentação e inúmeros outros procedimentos estéticos para o rosto. As blogueiras e influencers digitais ditam a moda: roupas, sapatos, acessórios, cosméticos e claro os procedimentos estéticos invasivos para nos manter com a aparência jovem. Mas até onde esses procedimentos são seguros para nossa saúde?

E como está nossa saúde mental, uma vez que somos diariamente iludidas pela utopia da eterna juventude das redes sociais? Temos que analisar o que está imposto a nós mulheres: nos foi retirado o direito de envelhecer. Corpo de 20, rosto de 18 anos, nem que isso custe a nossa própria vida. Uma busca rápida em jornais e no Google sobre procedimentos estéticos, nos últimos meses aparecem muitas notícias de mortes de mulheres realizando esses procedimentos: “Em Goiânia, uma jovem de 25 anos, morreu durante uma lipoaspiração”; “Jovem morta em cirurgia plástica teve parada cardíaca e equipe tentou reanimá-la por 3 horas, diz médico”. Ademais, ainda temos as notícias das mulheres que ficam com sequelas e deformação no corpo, por cirurgias mal-sucedidas. A pergunta que temos que fazer é: até quando nós mulheres vamos morrer em salas cirúrgicas procurando um padrão de beleza inatingível, o belo que as mídias sociais impõem?

Na atual conjuntura devemos fortalecer constantemente nossa autoestima e de nossas companheiras para esclarecer que somos mais que um corpo e que envelhecer faz parte da nossa trajetória humana. Somos mulheres reais, temos corpos reais e vidas reais.

O poeta Arnaldo Antunes nos reafirma: “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer... Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer / Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé.”



Celisa Gonzaga de Brito é Assistente Social  
[Email: celisagonzaga@yahoo.com.br](mailto:celisagonzaga@yahoo.com.br)



# DITO E INTERDITO: REVELAÇÕES NAS ENTRELINHAS

Por:  
**Ana Carolina Cavalcante de Souza**  
(Ana Carola)



Assim como nós, cada pessoa constrói uma ideia sobre a outra, mas a verdade vai além dessas percepções superficiais. Todas nós, guardamos aspectos menos admiráveis, socialmente não aceitos, relutamos em compartilhá-los, mesmo com aquelas pessoas mais próximas. Tenho refletido sobre as complexidades das relações, especialmente com aquelas dos nossos grupos, aquelas pessoas escolhidas e reciprocamente eleitas como indivíduos importantes em nossas vidas. Nesses laços, vivenciamos trocas, partilhas, acolhidas, risadas vibrantes, mas também lágrimas e tristezas. No entanto, percebo que, mesmo nesses grupos de confiança, há uma parte não revelada, cada uma de nós carrega silenciosamente consigo - experiências passadas, desafios presentes e facetas que consideramos menos atraentes.

Frequentemente, somos aconselhadas a manter esses aspectos ocultos, temendo como seremos percebidas pelo grupo. Uma voz interior nos adverte: "Cuidado, seu grupo, pode não te ver mais da mesma forma". Essa hesitação vem do receio da exposição, da incerteza sobre estarmos prontas para nos mostrar verdadeiramente e se o grupo está preparado para aceitar essa exposição.

Eu mesma, em diversas ocasiões, senti o desejo de compartilhar meus desacertos, fragilidades, vícios e até mesmo as sombras que me conduziram por desertos emocionais. Contudo, a sociedade nos pressiona a fingir estar bem, e há um tabu em torno de revelar nossas verdadeiras vulnerabilidades. A linguagem, poderosa e delicada, nos conecta com interpretações próprias e alheias.

A exposição do nosso eu verdadeiro molda nossa relação com o mundo, nossos grupos e principalmente, conosco mesmas. Esse não dito, esse interdito, pode nos prejudicar emocionalmente. Frases como "que a vida cure o que você não diz a ninguém" são prejudiciais. É preciso compreender que a cura advém da aceitação daquilo que não devemos mais silenciar e esconder. Concordo com Roland Barthes quando diz que "a linguagem é como a pele, com ela eu entro em contato com o mundo".

Portanto, é fundamental que possamos falar sobre nossas verdades, sem medo de julgamentos. Vamos quebrar o tabu e promover a cura através da autenticidade e aceitação mútua.

Expressar o nosso eu autêntico, junto com as angústias e vulnerabilidades que carregamos, é um ato incrivelmente valioso. Nesse processo, encontramos uma jornada de cura que nos permite reconhecer e abraçar as diferentes facetas do nosso ser. Experimente. Permita-se expressar através de palavras, seja uma fala honesta, um canto que ecoa as emoções mais profundas, ou até mesmo um pranto que libera as tensões acumuladas. Cada uma dessas formas é uma expressão única de linguagem, uma maneira de traduzir para o mundo interno o que muitas vezes permanece não dito. Ao fazer isso, não apenas nutrimos uma relação mais genuína conosco mesmos, mas também construímos a base para conexões mais profundas e autênticas com os outros.

Lembre-se, estou aqui também por você. A jornada de expressar a sua verdade pode ser desafiadora, mas é um caminho que vale a pena percorrer. Vamos falar sobre isso? Seja para compartilhar conquistas, desafios ou simplesmente para expressar o que está em seu coração, estou aqui para ouvir e apoiar.

Juntas, podemos criar um espaço seguro e acolhedor para as nossas verdades se entrelaçarem.

# CORPOS DILACERADOS

Por:  
**Ana Gabriela Colantoni**

Há corpos de mulheres grávidas mortos propositadamente na faixa de Gaza.

Há corpos cansados da vida, querendo voltar ao barro.

Sejam findados pelas mãos de outrem ou pelas próprias, corpos que resistem, corpos que se cessam. Judeus, cristão e mulçumanos. Todos monoteístas.

Em nome de um único Deus são capazes de matar e de fazer morrer: quando não é com fogo, é com a ideologia do controle dos corpos, da monocultura das mentes, da forma do trabalho, da orientação e do comportamento sexual, do modo de se vestir, de falar e de estudar.

Em nome do Deus único, mataram e matam, fizeram e fazem guerras, transformam em sal e em pedra o sonho do paraíso na Terra.

Uns esperam ainda o messias, outros acreditam na dupla essência do crucificado, outros acreditam em dois profetas. Mas todos monoteístas. E é pelo Deus único que matam e criam guerra.

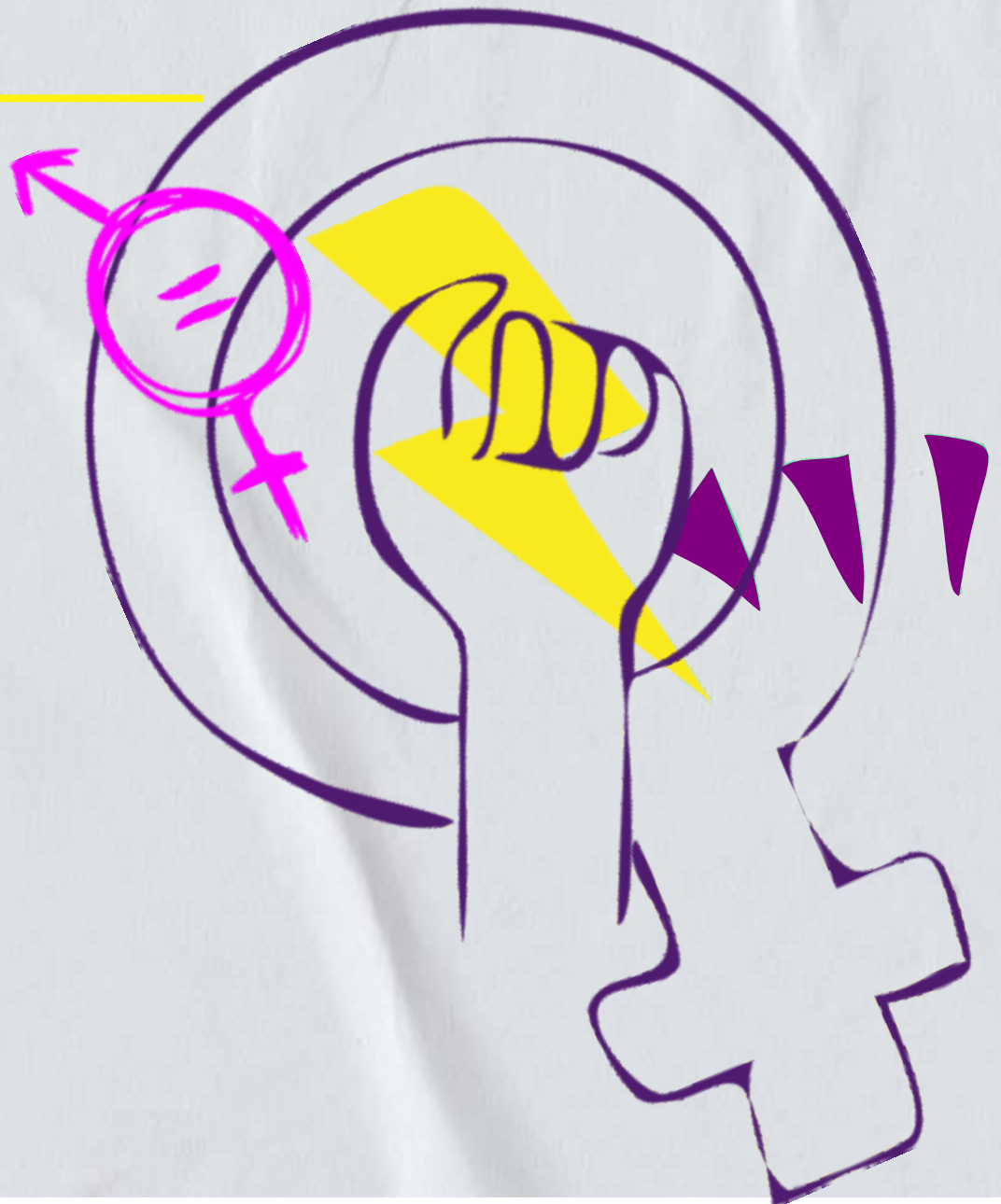
Ruptura necessária para o respirar. Alegria de bater o pé até rachar o que é duro e rígido. Resistência com leveza e afetos. Corpos livres!

## Poesia

### JANELA DA NOITE

Por:  
**Juracema Camapum**

Oh... Janela da noite  
Há mulheres que não dormem,  
Outras iluminadas  
Quatro vento de brisas  
Negro sol da noite  
Não adormece o oceano  
A fome dos esfomeados  
O que são na verdade?  
Não comer, não beber,  
Não dormir e não cantar  
Nasce o velho dia,  
A terra vazia...  
Está sobre o tronco  
Ainda passante.





# LAMENTOS DA CIGARRA: DORES SENTIDAS, DORES DESPERCEBIDAS - ALGUMAS REFLEXÕES

Por:  
Maria Meire de Carvalho

Ultimamente tenho refletido sobre o peso de carregar as nossas dores, como também a falta de sensibilidade para perceber, apoiar e acolher as dores alheias.

Expressar sobre os aspectos que marcam as dores sentidas e as dores não percebidas nos levam para uma reflexão interior que extravasa ao exterior através dos olhos - subjetividades, às vezes, são muito salgadas.

Retomo o tempo e indago: Quantas dores já senti e não foram percebidas pelas pessoas que ao meu lado acompanham a minha labuta do dia a dia?

Quantas lágrimas eu já conti por acreditar na máxima que me imputaram de mulher forte e corajosa?

Quantas dores alheias eu não percebi?

Quantos sorrisos já reprimi por acreditar que seria puro egoísmo sorrir, enquanto tantas outras sofrem?

Quantas mulheres, assim como eu, contiveram-se de seus desejos por não se livrarem da perspectiva da culpa?

Quantas vezes morremos numa vida? Quantas vezes eu já morri? Quantas vezes já me mataram?

Busco acalanto na canção de Mercedes Sosa, de composição de Maria Elena Wash.

Ao entoar "La Cigarra", elas falam das mulheres que morreram e que seguiram ressuscitando e cantando.

Um trecho da canção é emblemático, quando diz: "tantas vezes me mataram, tantas vezes morri, entretanto, estou aqui, ressuscitada, graças dou à desgraça e à mão com punhal porque me matou tão mal, e segui cantando".

Seguir cantando como uma cigarra não é nada fácil quando os desafios da caminhada se colocam árdusos e duradouros.

Não vou desistir da luta, mas seguirei consciente de que não consigo cuidar de tudo e de todas.

E mais: será que realmente eu estou cuidando de mim?

Quando vamos aprender a respeitar nossos limites e as nossas dores?

E ainda: como podemos nos fortalecer se não nos permitimos expressar as nossas dores por medo de nos verem como um ser frágil?

Vamos nos permitir mais, a vida das cigarras é efêmera.



# DISTOPIAS DE CRÍTICA FEMINISTA: ENTRE PÁGINAS DE RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO

Por:  
**Karina Reis**

Vivemos em um mundo onde a literatura não apenas reflete a sociedade, mas a desafia e a recria. No universo das distopias, esse desafio ganha uma outra dimensão, especialmente quando guiado pela lente da crítica feminista. A literatura distópica, quando moldada por vozes femininas, torna-se uma poderosa ferramenta para analisar e questionar as estruturas patriarcais que permeiam nossa realidade, destacando as complexidades das experiências femininas.

Obras como *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, e *A parábola do Semeador* (1993), de Octavia Butler, oferecem visões penetrantes de sociedades disfuncionais, ecoando desafios enfrentados pelas mulheres. Nessas narrativas, a opressão feminina é desmistificada e confrontada. Atwood, ao explorar a República de Gilead, denuncia a subjugação da mulher e instiga reflexões cruciais sobre a autonomia do corpo feminino. Butler, por sua vez, tece histórias distópicas que transcendem o tempo, evidenciando a resiliência das mulheres diante das adversidades.

A literatura distópica de crítica feminista não apenas oferece entretenimento, mas também serve como um espelho para a sociedade contemporânea, incentivando e intensificando debates sobre igualdade, poder e justiça. Ao mergulhar nessas distopias, traça-se o desafio de questionar as normas de gênero arraigadas há tempos na sociedade. A importância dessa expressão literária reside na capacidade de inspirar movimentos e despertar consciências.

Em um mundo onde as lutas feministas persistem, a literatura distópica de crítica feminista oferece um terreno fértil para explorar, resistir e redefinir os limites do possível. Ela retoma a lembrança que, mesmo nos cenários mais sombrios, a voz feminina é inextinguível e capaz de desencadear mudanças transformadoras.

**Karina Reis**

Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade,  
pela (UEG - UnU Cora Coralina)  
karina.reis0@gmail.com





# CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL E O AUMENTO DO PRAZO DE PRESCRIÇÃO

Por:  
Sônia Maria Alves da Costa

Os crimes contra a dignidade sexual, assim definidos a partir da Lei 2.015/2009, que estabelece a proteção da livre vontade, autodeterminação e dignidade da pessoa, especialmente da mulher, superando assim, há muito tempo, qualquer pré-julgamento em relação ao seu comportamento. Dentre outros citamos o estupro, estupro de vulnerável, corrupção de menores, violação sexual mediante fraude, assédio sexual, divulgação de cena de qualquer tipo de estupro, de cena de sexo ou de pornografia, promoção de migração ilegal, ato obsceno e importunação sexual.

É importante destacar que a liberdade sexual, o exercício da sexualidade, a não discriminação de sexo e de gênero e a segurança são aspectos da dignidade sexual que, em suma, assegura o direito da pessoa viver e expressar livremente sua sexualidade, que deve ser respeitada e o direito fundamental sob o prisma da não violência. Crimes dessa natureza afeta de maneira deletéria a saúde física e psíquica, que demanda tempo razoável para o devido acolhimento e tratamento com vistas à superação, razão pela qual o prazo maior para a prescrição criminal intenta assegurar a persecução penal.

Dessa forma, recentemente, no dia 06/12/2023, a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 4.186/21, de autoria da Deputada Sâmia Bomfim (P-Sol), que traz alterações extremamente relevantes, como o prazo prescricional que passa de 3 para 20 anos, contagem a partir da data que a vítima completar 18 anos – se menor à época do fato -, além da possibilidade de reparação civil independente da condenação penal. É um marco legal importante para as mulheres e meninas. E convém reiterar a importância de políticas públicas e de rede de apoio adequadas para a garantia desses direitos.

Nessa perspectiva o intuito é assegurar uma resposta penal proporcional no âmbito da justiça criminal, mas se faz necessário o incremento de soluções adequadas com vistas à promoção de medidas preventivas, com o intuito de proteger e promover a integridade física e mental, para além da perspectiva punitivista, o direito fundamental de viver sem violência!



# A PROIBIÇÃO DA LEGÍTIMA DEFESA DA HONRA NOS CRIMES DE FEMINICÍDIO PELO STF: A INCLUSÃO DO PROTOCOLO DE GÊNERO EM FAVOR DOS DIREITOS DAS MULHERES

Por:  
Izabela Lopes Jamar

A tese da legítima defesa da honra foi recentemente declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal. Nesse ensaio apresentamos uma análise sucinta de diversos fatores que influenciaram diretamente a decisão do Supremo Tribunal Federal. Em 06 de janeiro de 2021, o Partido Democrático Trabalhista (PDT) ajuizou uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF nº 779) pedindo para que o Supremo Tribunal Federal conferisse interpretação conforme à Constituição aos artigos 23, II, e 25 do Código Penal e o artigo 65 do Código de Processo Penal, e declarasse a impossibilidade jurídica de invocação da tese de legítima defesa da honra. O PDT alegou ainda que a tese não é compatível com os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero (artigos 1º, III, 3º, IV, e 5º, LIV, da CF).

A violência contra a mulher integra assim, a organização social do gênero dentro das sociedades que (re)legitima as relações de poderes, fazendo-se acreditar na supremacia do homem e reafirmando os valores masculinos. A justificativa, a partir da tese, era no sentido de que era aceitável o comportamento do agressor de assassinar ou violentar sua parceira caso ela cometesse adultério ou outro comportamento que comprometesse o dever conjugal, pois esta teria ofendido sua honra.

Mas por que o Brasil demorou tanto tempo para rechaçar essa tese e a qual protocolo de gênero a decisão dos Ministros do STF atendeu? Embora a tese não passe de um mero recurso argumentativo, temos que entender que o Brasil é um país com raízes patriarcais onde impera o machismo.

O Sistema de Justiça Criminal é androcentrado e misógino e por essa razão, essa tese persistiu por tanto tempo em nosso país. No geral, os votos dos Ministros e Ministras sinalizaram que a tese da legítima defesa da honra é inconstitucional por contrariar os princípios constitucionais da dignidade da pessoa, da proteção à vida e da igualdade de gênero. Nas palavras do ministro Dias Toffoli: “A legítima defesa da honra é estratégia cruel, subversivo da dignidade da pessoa humana e dos direitos à igualdade e à vida, e totalmente discriminatória contra a mulher, por contribuir para a naturalização e perpetuação da violência doméstica e do feminicídio no país”.

Os votos do STF seguem esse entendimento, de que a legítima defesa da honra fere a dignidade humana das mulheres, relegitima o machismo e a misoginia e ainda é totalmente discriminatório contra a mulher. Nesse passo, podemos dizer que essa decisão, dentro da ADPF 779, segue aos protocolos internacionais sobre direitos das mulheres, ao protocolo de gênero do CNJ e ao protocolo da Lei Maria da Penha, que vem revolucionando o enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher.





# PAREM DE NOS MATAR!

Por:  
Gabriela Magalhães Sabino

Quando eu fiz a minha primeira leitura sobre Lélia Gonzalez eu prontamente me identifiquei, tinha acabado de abrir o jornal das Pensadoras acerca das notícias em relação aos casos de feminicídio. Naquele instante senti a necessidade de escrever este texto, pois as limitações que nós mulheres enfrentamos todos os dias contra nossos corpos, quando saímos de casa e não sabemos se iremos voltar, bem como os momentos de desrespeito, e julgamento foram combustível para tentar contribuir de alguma forma e refletir sobre a luta contra a violência de gênero. Acredito que todo dia quando nos aproximamos e conscientizamos, vencemos um pouco das amarras do patriarcado e desse sistema misógino e sexista que quer nos matar.

Amélia Vitória, Kemilly Hadassa, Manuela Calvi e Melissa Calvi. O que todas tinham em comum? Eram meninas cheias de sonhos, inocentes e foram vítimas de feminicídio, suas histórias foram interrompidas cedo demais. Muitas em seus lares, outra indo buscar a irmã na escola. Informações que demonstram que não estamos seguras em lugar nenhum, nem mesmo na nossa própria casa podemos existir em paz. O que fazer? A quem recorrer? Como lutar?

Eu só conheço uma resposta para todas essas perguntas: letramento de gênero e políticas públicas eficientes.

A partir da leitura do artigo " Por um feminismo afro-latino-americano de Gonzalez", compreendo a nossa realidade como um sistema ideológico de dominação que suprime a nossa humanidade e nega nossos direitos como sujeito, pois apaga o nosso discurso e consequentemente a nossa história e retrata perfeitamente o que aconteceu com várias mulheres nesse ano de 2023. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), o Brasil registrou 722 feminicídios no 1º semestre de 2023, esse número marca um aumento em série desde 2019. Diante disso, o que nos resta é lutar, nos organizarmos, criarmos uma rede de um despertar social feminista, inclusivo, participativo, porque não quero mais chorar pelas companheiras que partiram, quero que elas cresçam, que possam ter o direito de sonhar, de construir suas carreiras, de serem cientistas de ocuparem seus lugares nas políticas, de amarem, de aprenderem e acima de tudo de existirem sem medo.

Basta!

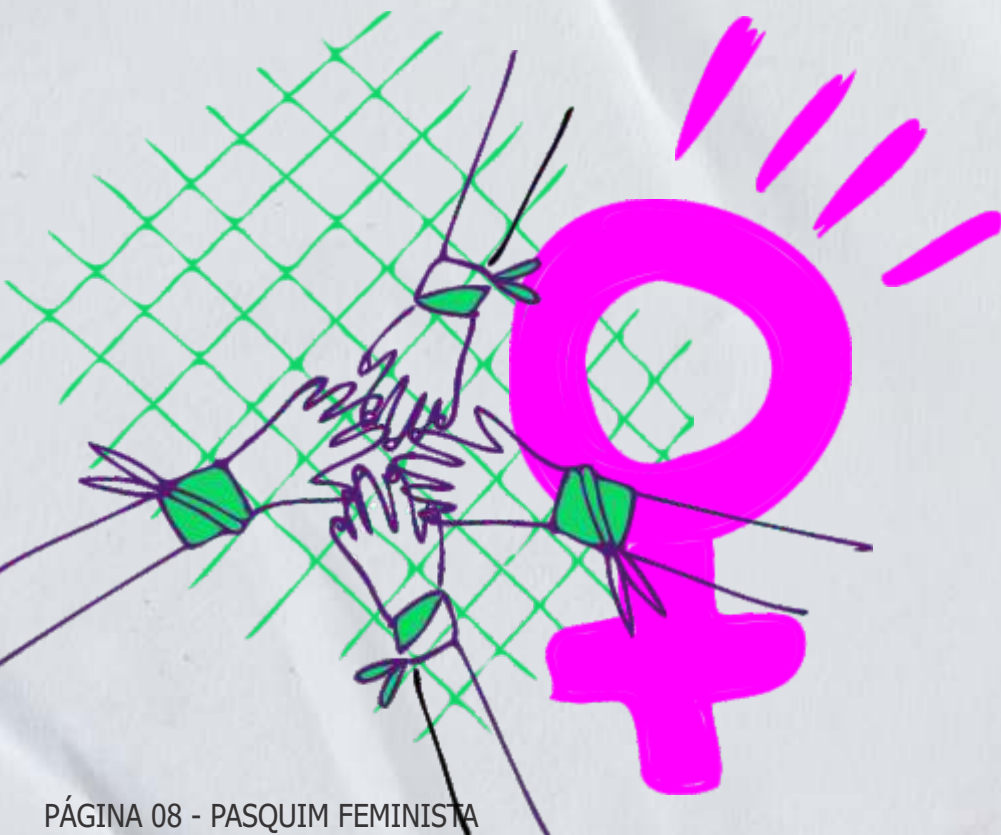
A violência contra NÓS precisa acabar!

Referências:

ARCOVERDE, Léo. Brasil registra 722 feminicídios no 1º semestre de 2023, maior número registrado desde 2019 em série histórica G1. Política. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/11/13/brasil-registra-722-feminicidios-no-1o-semester-de-2023-maior-numero-registrado-desde-2019-em-serie-historica.ghtml>>. Acesso em : 16 dez 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em:<<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>. Acesso em: 16 dez 2023.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flavia Rios, Márcia Lima, - 1ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.



# Poesia

Por:  
Silvaline Pinheiro

Sara se enforcou, desistiu dos sonhos...  
Só no cemitério soube que não se chamava Sara,  
era o nome de guerra.  
Sara mãe, Sara filha, Sara vó,  
Sara amante, Sara ébria e  
Sara acima de tudo mulher...  
Mulher que amava o trabalho,  
ágil como uma máquina,  
de tudo sabia fazer um pouco,  
uma artista doméstica.  
Os olhos miúdos e sagazes falavam  
em planos futuros e com sorriso  
escancarado sempre dizia:  
Queria escrever e ser elegante!  
Sara não sabia, mas ela era elegante  
quando dizia que foi prostituta para  
cuidar dos filhos, que foi empregada  
doméstica, que apanhou de homens  
e como sofreu...  
Seu rosto sardento ficava vermelho,  
Sara era toda emoção, tudo nela fluía  
à flor da pele.  
Ganhou uma canoa com motor,  
e voava no lago pra lá e pra cá, era  
dona do vento, dona de tudo.  
Essa liberdade não a fazia esquecer  
das dores, e lágrimas marejavam  
seus olhos quando lembrava do filho  
na prisão.  
Sara jovem ainda já era avó de muitos netos...  
Tudo para ela foi rápido desde a infância  
que não viveu até o final que escolheu.  
Angustiada se deita na rede, não consegue  
se acalmar, é um domingo à tarde,  
o pôr do sol a chama e ela  
quebra tudo da casa ...

Assim se extravasa, mas não sai a  
dor do peito...  
Resolve então que a vida não vale  
mais a pena...  
E sorrindo tira a corda da rede e faz  
um laço, sobe na cama e com um  
salto fica dependurada imóvel...  
Se despediu da vida... ou será que  
se vingava do mundo que tanto a  
machucou?  
Sara se foi e deixou sua marca na  
pedra onde pescava, no rancho, no ar  
do cerrado, na saudade e mais ainda  
na solidão dos sonhos quebrados  
que a fez partir tão depressa ...



**COLETIVA  
FEMINISTA  
GSEX**